



## FORMAÇÃO PROFISSIONAL E RETORNO AO MEIO RURAL: UM ESTUDO COM JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Eduarda Raquel Ropke (Graduanda, UFSM), Menigui Spanevello Dalcin (Graduanda, UFSM), Gabrieli da Rocha Gomes (Graduanda, UFSM), Rosani Marisa Spanevello (Professora, UFSM).

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar o percentual de jovens graduandos de origem rural de retornarem ao campo para empreender nos negócios familiares ou em novos negócios. A pesquisa é de caráter qualitativo descritivo e os dados utilizados foram coletados através de um questionário com 31 graduandos nos cursos de Administração e Zootecnia em outubro de 2019. A partir da análise dos resultados conclui-se que o percentual de alunos com expectativas em voltar para o meio rural é maior do que aqueles sem pretensão de retornar. Entre os que desejam retornar, este retorno é marcado tanto para trabalhar como para residir no rural, tanto em coabitação com os pais como em moradias separadas, sendo maior entre os alunos do curso de Zootecnia comparativamente ao curso de Administração. No entanto, registram-se também alunos desejam residir no rural, mas trabalhar no meio urbano ou mesmo residir e trabalhar na cidade. Estes resultados apontam o dinamismo do desenvolvimento rural na perspectiva juvenil, podendo contribuir para seguir no rural ou para esvaziar o campo a partir das mudanças de trabalho e moradia no meio urbano.

**Palavras chave:** Êxodo. Empreendedorismo. Rural.



## 1. Introdução

O êxodo rural é considerado o processo de transferência das pessoas do meio rural para o meio urbano. No Brasil, desde a década de 1970, a perda da população do meio rural foi crescente como resultado deste fluxo migratório. No Rio Grande do Sul de acordo com dados do Censo Populacional de 1991, a população rural perfazia um total de aproximadamente 2,1 milhões de pessoas, reduzindo para aproximadamente 1,5 milhões em 2010, havendo um decréscimo em torno de 25%.

Considerando os estratos etários que mais migram, segundo Maia (2014), estão os jovens. No caso do Rio Grande do Sul, segundo o Censo Populacional de 1991, a população jovem representava 17,8% do total da população gaúcha, em 2000 este percentual baixou para 16% e em 2010 chegou a 14,6%. Outro aspecto marcante deste decréscimo é que em 2010 a população juvenil era inferior (14,6%) e a população idosa (17%) (IBGE, 2010).

A saída dos jovens das propriedades e do meio rural pode significar dificuldades na renovação das gerações de agricultores no campo. De acordo com Maia (2014) para justificar a diminuição da população rural no Brasil e os envelhecimentos dos produtores rurais é preciso considerar fatores como a redução da taxa de fecundidade das mulheres, a formação tardia de novas uniões no meio rural e a geração de filhos entre a população ou até mesmo a dificuldade de constituição de novas famílias e geração de filhos devido a migração juvenil. A migração juvenil no meio rural brasileiro tem sido apontada como um dos fatores do esvaziamento populacional do campo, pois geralmente os migrantes são filhos e filhas de agricultores que rumam em direção as cidades sem expectativa de voltar ao campo para exercer o trabalho e a produção agrícola ou para dar continuidade aos negócios paternos através do processo de sucessão geracional. A diminuição da população rural associado ao êxodo juvenil e envelhecimento, conforme dados apresentados anteriormente, sugere dificuldades em termos da manutenção da sucessão das propriedades rurais. Ademais, ausência dos filhos representa também a perda do capital inovador, pois, geralmente, são as novas gerações que tendem a estar à frente dos conhecimentos técnicos e de gestão que podem melhorar os rendimentos econômicos das propriedades (SILVESTRO et al., 2001; SPANEVELLO et al, 2017).

As motivações para a migração dos jovens são diversas (BRUMER, 2014; SILVESTRO et al. 2001) sendo a busca pelo estudo uma delas. Nas décadas passadas, o acesso à educação técnica e superior era visto como um motivador da saída dos jovens do meio rural. A formação técnica e universitária tinha como finalidade buscar o mercado de trabalho urbano, pois para ser agricultor não era necessário ir além das séries iniciais



(SILVESTRO et al. 2001). Além disso, o estudo significava ascender a uma ocupação urbana considerada pelos jovens como vantajosa em razão do salário ser mensal (na agricultura a renda geralmente é anual), permite ter renda própria, ter a certeza do retorno financeiro independentemente dos fatores climáticos e acessar espaços de lazer não encontrados no meio rural.

No entanto, a crescente valorização dos espaços rurais pode alterar a dinâmica de saída das novas gerações revertendo a ideia do rural como o espaço do atraso, da baixa tecnificação e de qualidade de vida. Essa visão do rural está ligado a “nova ruralidade”. Conforme Graziano da Silva (1996), desde a década de 1980, o rural passou a ser visto não apenas como o setor da produção agropecuária, mas a partir de três processos, sendo o primeiro relativo a agropecuária moderna, baseada em commodities e intimamente ligada às agroindústrias; o segundo é o conjunto de atividades não-agrícolas, ligadas à moradia, ao lazer, as várias atividades industriais e de prestação de serviços e o terceiro ancorado em um conjunto de novas atividades agropecuárias, localizadas em nichos especiais de mercados.

As atividades não agrícolas e o conjunto de novas atividades agropecuárias e até mesmo as próprias atividades agropecuárias modernizada podem representar outras formas de trabalho e geração de renda no meio rural, especialmente para as gerações mais jovens do campo. Trata-se de uma perspectiva de viver no campo não necessariamente atrelada a renda e ao trabalho agrícola.

Estas novas formas de trabalho e renda podem ser compreendidas sobre a perspectiva do empreendedorismo rural. O empreendedorismo possibilita novas alternativas centradas na industrialização dos produtos em nível da propriedade, turismo rural, artesanato ou até mesmo a diversificação da produção agrícola a ponto de explorar toda a vocação produtiva de uma propriedade além de aproveitar e desenvolver o perfil empreendedor de seus membros, especialmente dos mais jovens. Geralmente são os filhos dos agricultores que apresentam maior escolaridade em comparação com os pais, maior conhecimento sobre os meios de comunicação, maior possibilidade de estar atento às inovações, portanto, maior potencial empreendedor, ou seja, maior capacidade de implementar novas atividades geradoras de renda no meio rural ou modificar as já existentes.

A problemática do êxodo afeta o desenvolvimento socioeconômico das regiões rurais, especialmente as que tem nas atividades agropecuárias a sua fonte geradora de renda. O crescente o êxodo rural dos jovens que optaram por estudar, trabalhar, viver no meio urbano provoca nas famílias e na sociedade rural como um todo a diminuição da oferta da mão de obra, da produção e da população. Ou seja, quando jovens saem de sua origem rural



contribuem para um esvaziamento do local, porém se os mesmos voltarem com novos conhecimentos, novas expectativas e ferramentas para desenvolverem atividades diferenciadas ou modificarem aquelas já existentes, pode ocorrer crescimento de satisfação pessoal, produção e contribuição na economia da sociedade.

Este artigo tem como pano de fundo a discussão do retorno dos jovens ao meio rural para seguir seus projetos de vida, após a formação superior universitária. O foco é averiguar em que condições os jovens voltam, quais são os seus projetos de geração de trabalho e geração de renda no sentido de dar continuidade (e melhorando) a atividade já realizada pelos pais ou implementando novas atividades. A pesquisa tem como público-alvo, jovens universitários de origem rural, alunos da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Palmeira das Missões – RS.

## **2. Formação educacional para os jovens rurais**

Para Arnold (2011) a educação profissional deve viabilizar a aquisição de instrumentos que habilitem aos trabalhadores a dominar tecnologias, desenvolvendo a criatividade, liderança persistência, capacidade de negociação e a empatia necessária para atuarem na sociedade como autores.

No meio rural, o estudo era considerado secundário para desempenhar as atividades agrícolas que exigiam, em especial, força física (REDIN, 2017). No Rio Grande do Sul, o acesso dos jovens rurais ao ensino superior segundo o autor está relacionado com o aumento do incremento tecnológico nas propriedades rurais proporcionando metamorfoses nas relações produtivas e sociais no espaço rural. Segundo Redin (2017, s.p), o acesso dos jovens ao ensino superior foi favorecido em razão da criação de políticas públicas como é o caso do Programa Universidade para Todos (Prouni), pois até então a realidade de muitas regiões e jovens rurais no estado gaúcho no referente a educação superior se limitava a três situações:

- a) migrar em busca do ensino superior público em outras regiões, b) atualmente, cursar alguns poucos cursos ofertados a distância pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), ou c) permanecer no local e/ou migrar estudando numa instituição superior privada.

O maior acesso ao ensino superior permite acabar com a visão da baixa escolaridade dos jovens no campo. Este aumento da escolaridade deve-se a fatores como a proximidade de escolas técnicas e universidades e da ampliação das políticas públicas que facilitam a



permanência dos jovens vindos no campo nos espaços universitários. Conforme Zago (2016) as razões que os motivam a investir nos estudos não são unilaterais e são tanto objetivas quanto simbólicas. Para o autor (2016, p. 17), analisando a entrevista de um jovem sobre a busca pelo ensino superior, conclui que o ingresso na universidade:

é uma necessidade com que o jovem se vê confrontado para competir por uma vaga no mercado de trabalho urbano e não reproduzir, na cidade, a mesma condição do trabalho pesado e pouco valorizado que conheceu no campo. Mas frequentar o ensino superior representa também motivo de reconhecimento social e identificação ou, como disse: “tem aquela questão do orgulho mesmo, que eu estou estudando, tô crescendo como pessoa, e eu me orgulho muito em falar que eu estudo na universidade federal”.

## **2.1 Educação e empreendedorismo no meio rural**

Segundo Nassif et al. (2008) as universidades precisam melhorar seus currículos para que sejam formados empreendedores. Em seus estudos, o autor aponta que é necessário muito mais do que uma aprendizagem dentro de sala de aula, os estímulos vêm de visões ampliadas de sociedade como um todo e de mercado, sendo essa formação do empreendedor dependente tanto do professor que vai planejar o ensino, quanto do aluno que deve ter suas características voltadas para a vontade de apreender, assim como habilidades e desenvolvimento de competências.

Por conta desta crítica, uma demanda recente no ensino superior brasileiro tem sido fomentar através de ações de extensão, pesquisa ou ensino o empreendedorismo entre os jovens universitários. Figueira et al. (2015) enfatiza que o aumento de frequência de empreendimentos no meio acadêmico é importante para que resultados de pesquisas desenvolvidas não fiquem restringidos apenas a utilização científica, mas para que sejam utilizados pela sociedade, podendo impactar nos índices de desenvolvimento tecnológicos, econômicos e social do país. Estas possibilidades permitem, segundo Baggio (2014) que um sujeito empreendedor possa ser visto como o indivíduo que detecta oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre a mesma, assumindo os riscos calculados, além disso os fatores que podem contribuir na motivação de empreendedores podem ser tanto pessoais como ambiental ou sociológicos.

Em se tratando do empreendedorismo rural pode-se definir o mesmo como o desenvolvimento de negócios não-agrícolas por agricultores e proprietários rurais já estabelecidos e que outros ainda consideram que a atividade agrícola também oferece



oportunidades empresariais, como o desenvolvimento de novos produtos (por exemplo, agricultura orgânica e alimentos funcionais) e inovações em processos de negócios, distribuição e comercialização. Partindo desta premissa o conceito de empreendedorismo pode ser entendido como um processo através do qual os indivíduos aproveitam oportunidades de mercado positivas para criar e expandir novas empresas ou novas atividades.

Este conceito nos leva a entender duas possibilidades de empreendedorismo onde uma seria atitudinal onde o agricultor iniciaria um empreendimento por conta própria e outra comportamental onde envolveria o perfil empreendedor em perceber e aproveitar uma oportunidade de negócios. Diversas são as variáveis podem afetar as propriedades para que os produtores consigam empreender nos seus negócios ou empreender em novos negócios que podem envolver tecnologias, recursos econômicos, ambientais, sociais, inclusive com qualificação dos seus gestores para o processo de empreender (FLAVIANO et al. 2019).

Segundo a Embrapa (2018), empreendedorismo juntamente com pesquisa e inovações será fundamental para o futuro dos pequenos negócios rurais, e é necessário agregar valor as cadeias produtivas, diversificar as bases de produção, especializar e alcançar novos negócios rurais.

A perspectiva de empreender negócios no meio rural pode-se dar de duas formas: melhorar os negócios já existentes ou incrementar novos negócios. Oportunidades de empreendedorismo rural podem ser aproveitadas de várias maneiras pelos agricultores tais como: diversificação de culturas; turismo rural; transformação dos produtos na propriedade; novas formas de produzir e comercializar. Isto desencadeia a pluriatividade dos estabelecimentos agrícolas, que pode ser considerada uma forma de inovar perante os desafios impostos por diversos fatores (macroeconomia, políticas agrícolas, condições de mercado entre outros), bem como o turismo rural. O turismo rural também tem sido considerado como uma alternativa econômica para propriedades rurais, as propriedades que utilizarem desse tipo de empreendimento devem estar cientes de que devem produzir culturas que esteja voltada para a preservação ambiental e que busquem alternativas econômicas; nessa atividade o produtor tem uma segunda chance dentro de uma única propriedade de trabalhar com o que já se produz mantendo uma organização entre as duas atividades pois tornam-se em conjunto parte do ambiente do turismo (FILHO et al.; 2007).

As possibilidades de empreendedorismo podem ter um fomento mais intenso a partir dos jovens, filhos de agricultores tendo em vista que estes apresentam maior escolaridade que seus pais e maior acesso à informação, possibilitando maior capacidade inovadora do



que as gerações mais antigas. Estas possibilidades podem ser potencializadas quando estes jovens passam pela formação universitária. Neste caso, os jovens apresentam uma formação diferenciada que vai além dos ensinamentos paternos, podendo representar mais capacidade de gestão, de controle das entradas e saídas de recursos, de processamento de produtos e mercados de forma mais complexa que os ensinamentos paternos nas propriedades. Este cenário pode representar uma melhoria das condições produtivas no meio rural, bem como da renda e da qualidade de vida no campo. Negócios inovadores ou sob outra perspectiva de produção e gestão podem auxiliar os jovens a retornar ao campo, pois muitos jovens saem em razão dos conflitos com os pais, especialmente pela falta de autonomia dentro das propriedades e falta de renda própria (SPANEVERELLO, 2014).

Segundo Matte et al. (2019) os que saíram do meio rural para estudar concluíram que existe um direcionamento para o desenvolvimento rural da região e que aos poucos a população jovem está percebendo que existem alternativas no campo e que podem até conciliar atividades com o meio urbano. A figura do jovem universitário que volta para empreender negócios no meio rural pode alterar, inclusive, os dados sobre o crescente esvaziamento juvenil no campo a população rural estava envelhecendo e os mais jovens continuavam a migrar para centros urbanos, como mostra os dados do Censo Agropecuário de 2017: O percentual dos produtores com menos de 25 anos é de 1,2%, menos do que o registrado em 2006, 1,9%.

### **3. Metodologia**

A pesquisa será de carácter qualitativo, o qual permite o contato entre o pesquisador e pesquisado. O público-alvo são graduandos do Curso de Zootecnia e Administração da Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões. Considerando que o objetivo do trabalho é avaliar o retorno dos jovens universitários para empreender negócios no meio rural, a seleção do público-alvo teve os seguintes critérios: 1) Identificação dos graduandos de origem do meio rural ou com vínculo no meio rural. Ou seja, somente fizeram parte da pesquisa, os graduandos com afinidade ao meio rural; 2) As turmas dos cursos selecionados para a pesquisa estão nos últimos semestres do curso. Entende-se que quanto mais avançado no curso o graduando estiver mais definido está o mercado de trabalho em que o mesmo atuará, ou seja, mais definida a possibilidade de exercer negócios no meio rural ou optar pelo mercado de trabalho urbano; 3) A escolha destes dois cursos é devido à existência da disciplina de empreendedorismo na grade curricular de ambos.

A coleta de dados foi realizada entre 16 e 18 de outubro de 2019, através da aplicação de um questionário (conforme anexo I), com questões relativas ao perfil dos alunos, se os mesmos voltarão ou não para o meio rural para empreender e quais os tipos de negócios que serão implementados. Os dados foram analisados com o auxílio de uma planilha elaborada no *Microsoft Excel*.

No total, foram aplicados 31 questionários, sendo 19 entre alunos do Curso de Zootecnia e 12 para o Curso de Administração. Deste total, 13 ou 39% do total afirmaram querer voltar para o meio rural pós formados, os que não vão retornar ao meio rural somam um total de 32% e os que responderam não saber se vão voltar ao meio rural somam 29% dos entrevistados. A maioria dos entrevistados (75%) estão cursando o oitavo semestre, 17% são do sexto semestre e do 8% no sétimo semestre.

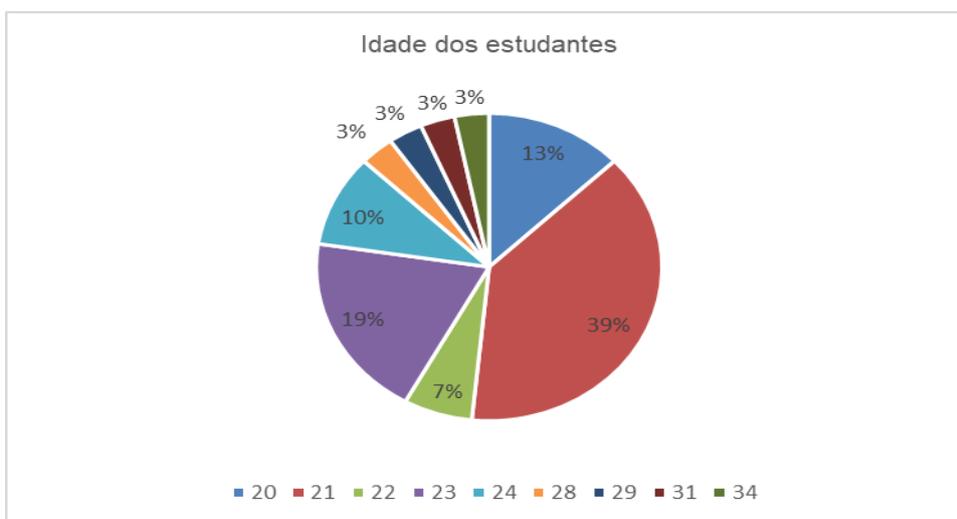
#### 4. Resultados e discussões

Este tópico apresenta os principais resultados da pesquisa e está dividido em subitens, sendo o primeiro o perfil dos entrevistados, a caracterização da propriedade e dos negócios agropecuários e o terceiro relativo ao retorno ao rural e os negócios dos jovens.

##### 4.1 Perfil dos entrevistados

A totalidade dos entrevistados que pretendem voltar ao rural pós formado residem atualmente no meio urbano para estudar.

Gráfico 1 – Idade dos estudantes entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

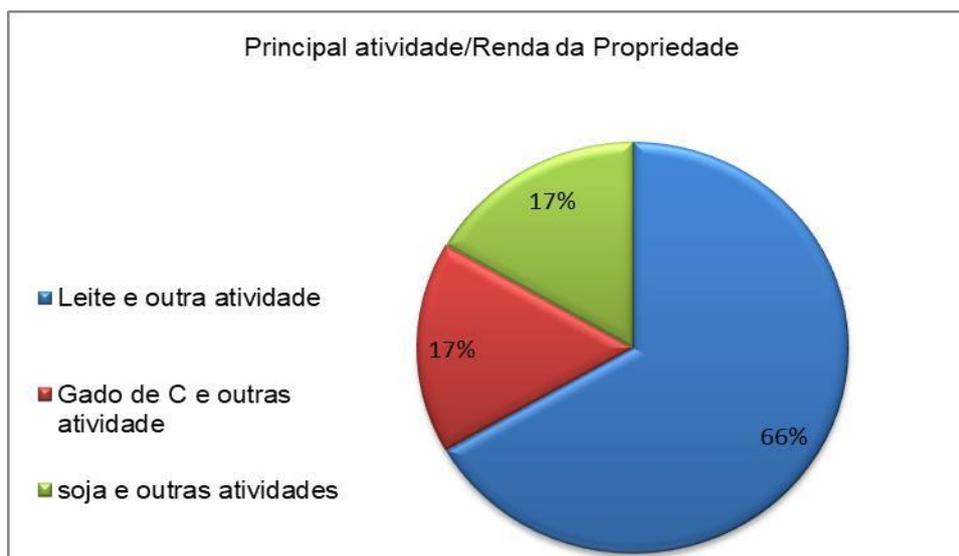
Outra característica é que todos são solteiros, sendo 66% dos entrevistados do sexo feminino e 33% do sexo masculino. Com relação a idade dos entrevistados observou-se que as mesmas variam de vinte anos a trinta e quatro, com maior concentração acima de 21 anos.

#### **4.2 Caracterização das propriedades e dos negócios**

A caracterização das propriedades diz respeito, entre outros aspectos ao tamanho de terra de cada uma: são maiores de 12 hectares sendo cada uma de um tamanho específico chegando a propriedades de 300 hectares. O tamanho da propriedade bem como a infraestrutura e capitalização podem interferir na decisão de retornar ao rural ou não, onde uma pesquisa mostrou que do total de jovens entrevistados, menos capitalizados, 37% responderam preferir outra profissão e/ou não possuem desejo de ser agricultores, (FERRARI, et al., 2004).

Outra análise é das atividades geradoras de renda na propriedade dos alunos que pretendem retornar ao rural. Destaca-se a produção de leite (soma 66%), gado de corte (17%) e soja (17%), sendo que estas são as principais atividades. No entanto, além do leite, gado de corte e soja, existem outras atividades ou sistemas de produção nestas propriedades, não tendo uma única renda.

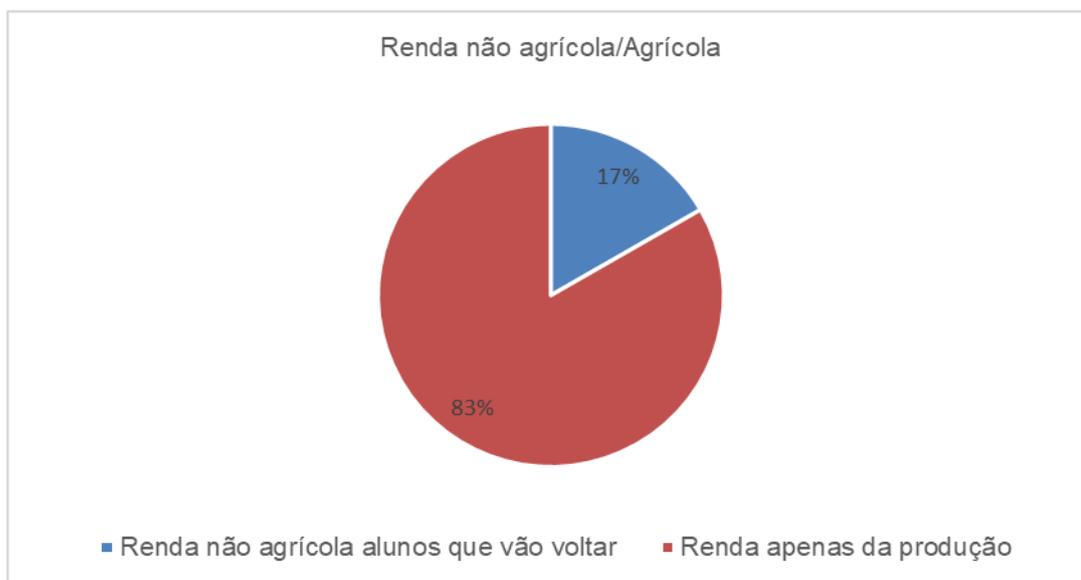
Gráfico – 2 Principal atividade da propriedade



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Referente as propriedades de alunos que pretendem retornar para casa e que responderam sim na questão sobre a renda da família ser não agrícola, observa-se do total de alunos que responderam ao questionário vinte alunos, ou seja, 83% dos entrevistados possuem renda apenas da atividade agrícola enquanto 17%, quatro alunos, possuem renda não agrícola.

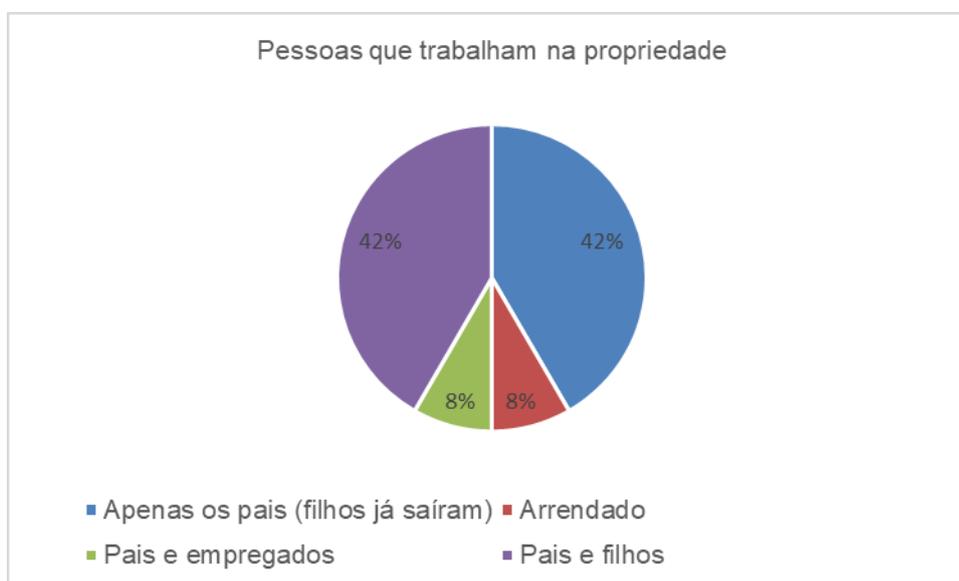
Gráfico – 3 Renda não Agrícola



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Outra questão respondida pelos entrevistados é quem trabalha na propriedade na atualidade, conforme Gráfico 4. Em uma propriedade (3%) as terras são arrendadas, 7% apenas os pais e funcionários, 42% apenas os pais e outros 48% responderam apenas os pais com a ajuda de outros filhos. Nestas condições, é possível afirmar na maioria das propriedades a mão de obra é familiar, podendo contar com a participação dos filhos ou não no processo de trabalho.

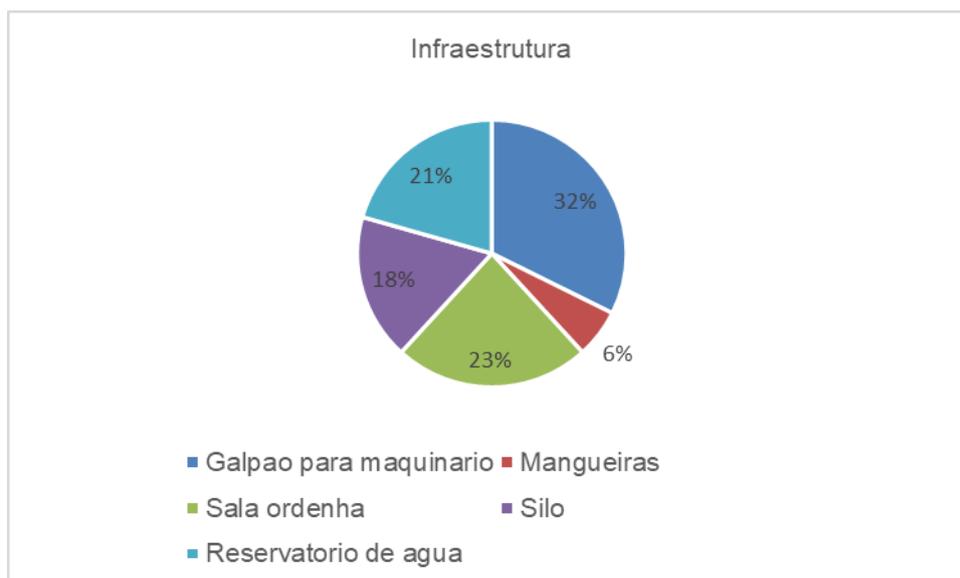
Gráfico – 4 Quem trabalha efetivamente nas propriedades



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Ainda sobre a infraestrutura das 12 propriedades, onze propriedades têm galpão para maquinário, sete dessas onze também tem reservatórios de água, oito dessas onze tem sala de ordenha, e seis dessas onze propriedades também conta com um silo, enquanto um dos entrevistados respondeu que a propriedade possui apenas mangueiras.

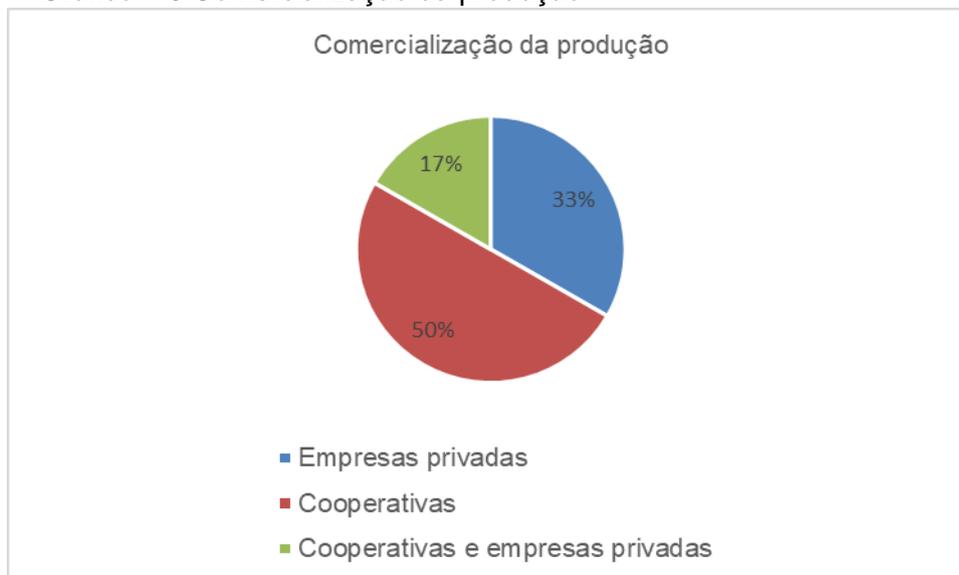
Gráfico – 5 Infraestrutura das propriedades



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Sobre a comercialização da produção 50% das propriedades vendem para cooperativas, 33% para empresas privadas e 17% para cooperativas e para empresas.

Gráfico – 6 Comercialização da produção

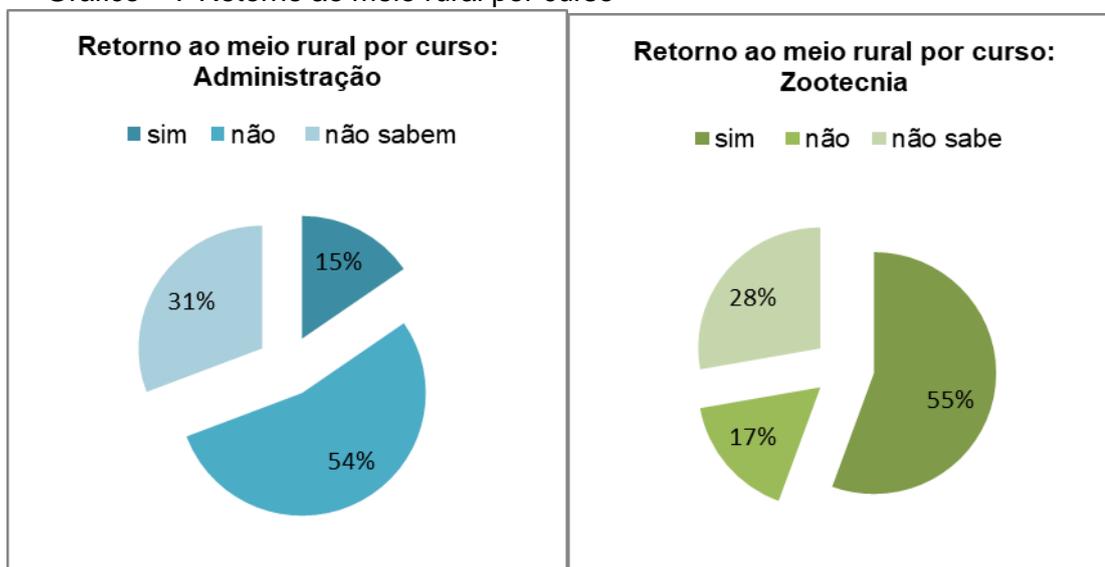


Fonte: Dados da pesquisa (2019)

### 4.3 Retorno ao rural e os negócios dos jovens

Comparando os dois cursos referentes à quantidade de respostas positivas a voltar para o meio rural tem-se o seguinte panorama: no curso de Zootecnia 18 alunos responderam o questionário e 55% desses alunos querem voltar ao meio rural, ou seja, 10 alunos. No curso de Administração o total de respostas foram 13 e os interessados a voltar para o meio rural são de 15%, ou seja, dois alunos. Strapasolas (2011) constatou um panorama diferente em sua pesquisa, onde os jovens que buscam um grau de escolaridade mais elevado são os que pretendem sair da propriedade, enquanto os jovens que permanecem na propriedade acabam por estudar menos, divergindo dos resultados encontrados nesta presente pesquisa. Já os autores Corazza e Breitenbach (2019) encontraram resultados positivos em seu estudo, mais da metade dos alunos de ensino superior entrevistados, de origem rural, pretendem retornar para o rural realizando assim a sucessão e gerindo a propriedade dos pais.

Gráfico – 7 Retorno ao meio rural por curso



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

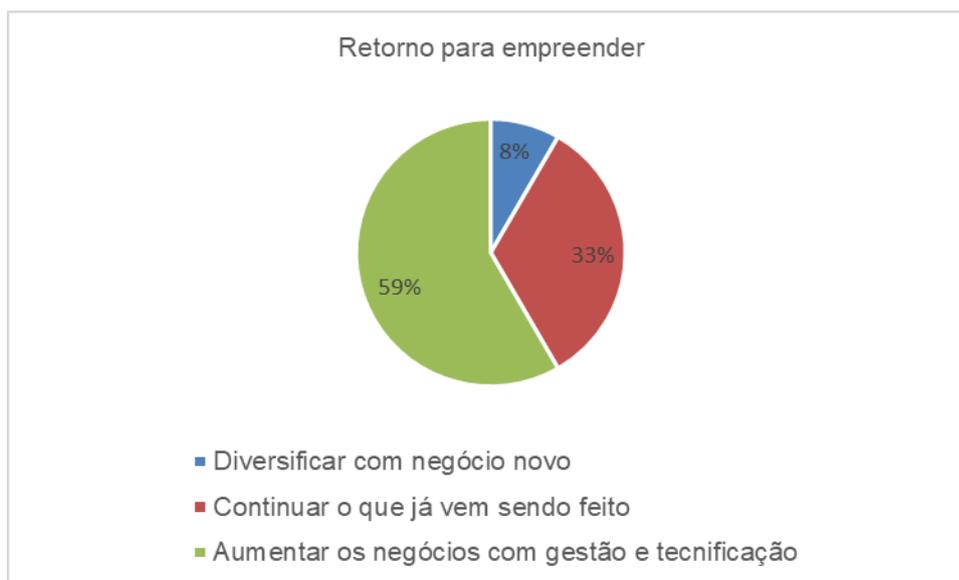
As diferenças entre os jovens que pretendem retornar ao rural, pode ser analisada sob a escolha que cada um dos entrevistados fez pelo Curso Superior. De acordo com Moreira et al. (2020) muitos jovens escolhem os Cursos voltados as Ciências Agrárias pela proximidade com o rural pelo fato de serem filhos de agricultores e já conhecerem previamente o trabalho e as demandas da agropecuária. Neste caso, o formar-se em cursos superiores voltados ao rural representa a possibilidade de manter o vínculo com o rural e até mesmo de retornar ao campo. No entanto, este vínculo ou retorno não acontece sob a perspectiva de ser um filho de agricultor, mas como alguém com o conhecimento aprofundado sobre as técnicas agropecuárias, tendo renda mensal ligada ao exercício de prestação de serviço de assistência técnica no rural.

Outro aspecto que não se pode desconsiderar é a existência de um percentual de jovens de ambos os cursos que não sabem se voltam ao rural. Esta indecisão é marcada por uma série de fatores entre os quais está a própria colocação no mercado de trabalho urbano pós formados e o rendimento econômico da profissão escolhida. Assim, o retorno ao rural pode acontecer não pelo fato de ser uma escolha, mas pela remuneração não satisfatória da atividade urbana. Outro fator que pode ser discutido também sobre aqueles alunos que não pretendem voltar ao rural, independente do curso escolhido, é que algumas famílias não realizam um planejamento e preparação de seus filhos para que ocorra uma sucessão da propriedade, alguns pais até incentivam a saída dos filhos para que estes busquem melhores

alternativas de renda, onde os próprios produtores possuem uma visão negativa das atividades agropecuárias, (FACCIN; SCHMIDT, 2013).

Outras características dos alunos que tem a expectativa de voltar para as propriedades é que do total dos alunos apenas 8% querem continuar com a produção agrícola da propriedade e empreender trazendo outro negócio não agrícola para diversificar os negócios; 33% querem continuar o que já vem sendo feito na propriedade, e 59% dos alunos responderam querer voltar para o meio rural para aumentar os negócios agrícolas melhorando a gestão e tecnificação da propriedade. Neste caso, o retorno ao rural para a maioria dos entrevistados não está diretamente associado a mudanças nos sistemas de produção, mas melhorar a eficiência dos já existentes.

Gráfico – 8 Retorno para empreender



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

As tomadas de decisões e o comportamento dos jovens diante dos negócios são influenciados por vivências próprias e/ou da família e projeções de períodos da economia (DUARTE, 2021). A escolha dos alunos por voltar para casa e empreender diversificando a produção com negócios não agrícolas ainda é baixa neste estudo, Signor (2019) constatou que os jovens não consideram a possibilidade de ganhar mais dinheiro, em uma propriedade rural, com atividades não agrícolas do que com as agrícolas, esse contexto pode estar atrelado ao fato de que as oportunidades não estejam sendo vistas ou estudadas nas universidades, pouco fomentadas pelos organismos apoiadores do agronegócio ou ainda pouco divulgadas e conhecidas de um modo geral, em decorrência, se faz necessário



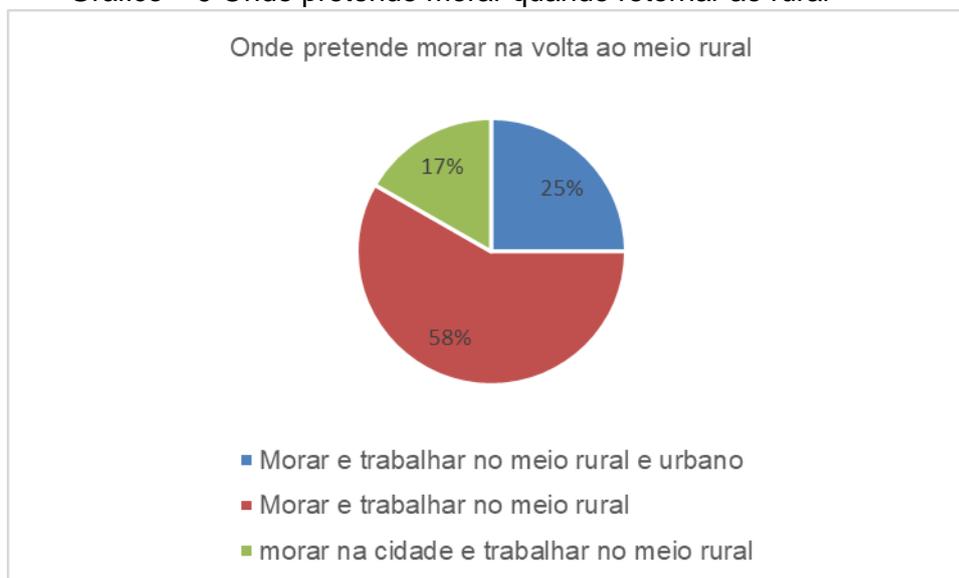
desenvolver o potencial empreendedor dos jovens, principalmente de jovens agricultores, pois essa diversificação da renda nas propriedades rurais permite maior segurança à família devido a redução da vulnerabilidade diante dos riscos que a produção sofre, como intempéries, oscilações de preço, crises econômicas, dentre outros problemas, sendo assim, o empreendedorismo junto a atividades agrícolas poderiam diminuir o número de jovens que saem do rural por medo de não ter uma renda fixa (OLIVEIRA et al. 2021). Faccin e Schmidt (2013) notaram em seu estudo que os filhos de produtores relataram algumas dificuldades para diversificar a produção da propriedade, fatores limitantes como a pouca quantidade de terra, falta de dinheiro, pouca mão-de-obra e falta de conhecimento.

Em se tratando dos alunos que pretendem retornar a propriedade para aumentar os negócios com gestão e tecnificação 58% responderam que sim, ou seja, sete alunos desejam melhorar as condições e aumentar a renda da família, o que vai de encontro com o estudo de Signor (2019) onde analisando o empreendedorismo rural entre jovens universitários de cursos ligados ao Agronegócio constatou que a maioria dos jovens pensa em estudar para voltar a propriedade rural e modificar a realidade de todos por lá. Tem muitas e boas ideias de como ganhar dinheiro com uma propriedade rural.

Outra pesquisa que vai de encontro com este estudo é o de Duarte (2021) onde também encontrou uma parcela de jovens que assumirão a propriedade dos pais, mas preferem modificar e introduzir atividades de seus gostos, há ainda outra parcela de jovens que não pretende modificar as atividades que já vem sendo realizadas e outro montante que pretende aprimorar a atividade que já vem sendo desenvolvida.

Quando perguntados sobre voltar e morar no meio rural 58% dos entrevistados responderam sim querem morar e trabalhar no meio rural, 25% querem morar e trabalhar no meio rural e urbano e 17 % querem morar na cidade e trabalhar no meio rural. De acordo com a pesquisa realizada por Signor (2019) os alunos em sua maioria também pretendem retornar e se estabelecer no rural, outra parcela deseja trabalhar por determinado período no urbano a fim de adquirir experiência e, após, retornar para empreender no rural, e uma minoria de alunos pretendem morar na cidade e trabalhar no campo, indo de encontro com os resultados deste estudo. O trabalho de Duarte (2021) também confirma que existe um percentual de jovens que desejam permanecer no rural, trabalhando como agricultores, outra parcela quer residir apenas no rural exercendo ocupações urbanas e outra parcela deseja ficar morando do rural e trabalhando em outras atividades não agrícolas (tais como agroindústrias, turismo rural, entre outras) fora da propriedade paterna.

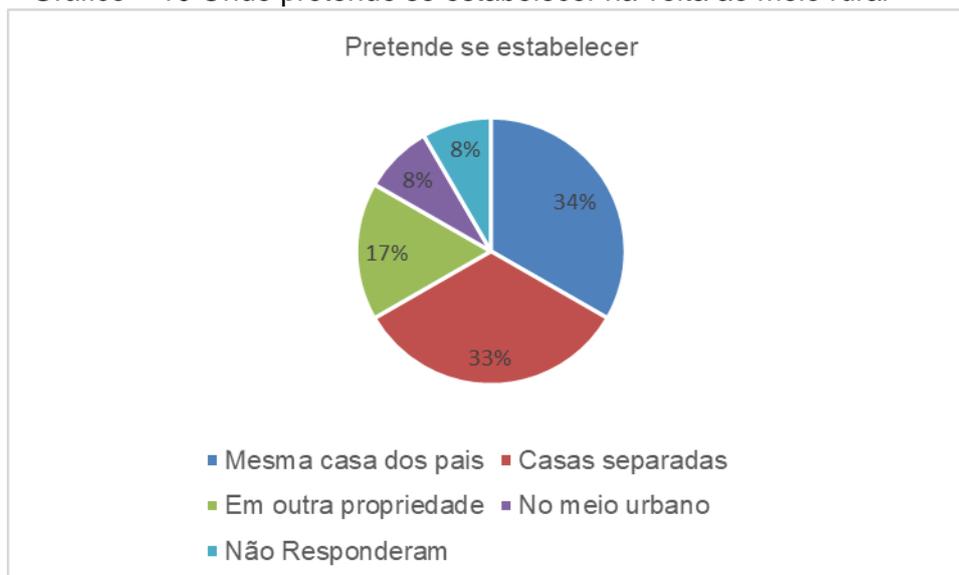
Gráfico – 9 Onde pretende morar quando retornar ao rural



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Dos alunos que responderam quererem voltar ao meio rural 33% querem voltar e se estabelecer na mesma casa dos pais; 34% querem morar na mesma propriedade, porém em casas separadas, 17% querem morar em outra propriedade; 8% querem morar no meio urbano e 8% não responderam.

Gráfico – 10 Onde pretende se estabelecer na volta ao meio rural



Fonte: Dados da pesquisa (2019)



Uma pesquisa realizada com jovens que moram no rural apontou que em 65,38% dos casos os jovens moram na casa dos pais e os outros 34,62% moram em casa separada (mas na propriedade dos pais), (DUARTE, 2021). Neste estudo, a diferença é de apenas 1% entre jovens que desejam retornar e morar com os pais e jovens que pretendem morar em casas separadas, sendo este último tópico representante do maior extrato de jovens, mostrando que estão cada vez mais procurando por independência e autonomia, tanto financeira quando pessoal (BRUMER, 2014). A independência de moradia é essencial para evitar conflitos entre as gerações, pelos costumes e modos de vida serem diferentes, principalmente quando há a formação de um casal onde pode haver divergências entre nora/genro e sogra/sogra (SPANVELLO et al, 2017). Moreira et al. (2020) afirma que as residências separadas, mesmo dentro da mesma propriedade pode ser um fator motivador a sucessão geracional, sendo que a privacidade é um fator que pode gerar outros fatores motivacionais a sucessão, tais como a autonomia do negócio e da renda.

## 5. Considerações finais

A partir da análise dos resultados conclui-se que o percentual de alunos com expectativas em voltar para o meio rural é maior do que aqueles sem pretensão de retornar. Entre os que desejam retornar, este retornar é marcado tanto para trabalhar como para residir no rural, tanto em coabitação com os pais como em moradias separadas. Considerando as diferenças entre os cursos, é maior o percentual de retorno ao rural pós formados dos alunos do curso de Zootecnia comparativamente a Administração.

A grande maioria dos estudos e pesquisas, como é o caso do trabalho de Matte e Dessimon (2016) apontam para os fatores que levam os jovens a ficar ou sair do campo, mas não tratam das possibilidades de retorno dos mesmos. Uma segunda questão está na possibilidade de contribuição deste estudo sobre o empreendedorismo rural a partir das ações de jovens que retornam ao meio rural pós-formação universitária.

Este retorno pode ser visto sob distintos prismas. Sob a ótica desenvolvimento rural é um resultado importante pois nos últimos anos há um crescente percentual de êxodo rural, junto com o envelhecimento e abandono de propriedades. Ainda, o resultado também pode fomentar novas pesquisas com relação a empreendedorismo, diversificação de atividades, já que a maioria dos alunos tem como principal renda das suas propriedades a produção de leite, além de ampliar os estudos sobre as propriedades daqueles alunos que não pretendem voltar para o meio rural, pois pode haver uma alternativa de integração nessas propriedades



de outros profissionais que não tem origem no meio rural, mas que podem desenvolver um crescimento dessas propriedades e assim da sociedade em geral.

## Referências bibliográficas

- ARNORD, G. Empreendedorismo rural um estudo sobre a inserção do técnico em agropecuária, egresso do IFRS- Campus Sertão. **Dissertação de Mestrado em Educação**. 109 p. 2011. Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade de Brasília. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9995/1/2011\\_GladomirArnold.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9995/1/2011_GladomirArnold.pdf)> Acesso em 27 mai.2019.
- BAGGIO, A. F.; BAGGIO, D. K. Empreendedorismo: conceitos e definições. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, 2014, v.1, n. 1, p. 25-38. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistas/article/view/612/522>. Acesso em: 24 abr. 2021.
- BRUMER, A. As perspectivas dos jovens agricultores familiares no início do século XXI. In: Renk, A.; Dorigon, C. (Orgs). **Juventude rural, cultura e mudança social**. Editora Argos, p. 115- 138, 2014.
- CORAZZA, G.; BREITENBACH, R. Gênero e sucessão rural: perspectivas das estudantes das Ciências Agrárias. **Desenvolvimento Regional: Processos, Políticas e Transformações Territoriais**. 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/view/19023/1192612780>. Acesso em: 13 abril 2021.
- DUARTE, L. C., et al. A diversidade dos arranjos sucessórios em propriedades rurais não agrícolas no noroeste do Rio Grande do Sul. **DRd - Desenvolvimento Regional Em Debate**, vol.11, 2021, p.1–20. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/3166>. Acesso em: 24 abr. 2021.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA .**Pesquisa, inovação e empreendedorismo são o futuro dos pequenos negócios rurais**. 2018 Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/36092649/pesquisa-inovacao-eempreendedorismo-sao-o-futuro-dos-pequenos-negocios-rurais-diz-presidente-daembrapa>>. Acesso em: 26 mai. 2019.
- FACCIN, P., O; SCHMIDT, C., E., F. Sucessão nas Propriedades Rurais Familiares Integrantes de uma Cooperativa Agropecuária. In: Gestão de Cooperativas: [recurso eletrônico] produção acadêmica. **Coleção desenvolvimento rural, n.2**. 2013, p. 371-396. Disponível em: [http://www.emater.tche.br/site/arquivos\\_pdf/teses/Olivio%20Faccin.pdf](http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Olivio%20Faccin.pdf). Acesso em: 13 abr. 2021.
- FERRARI, D., L., et al. Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir? **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, vol. 12, no. 2, 2004. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/251/247>. Acesso em: 13 abr.2021.
- FIGUEIRA, B. J.; CARVALHO, B.M. T. Empreendedorismo acadêmico no Brasil: evidências a partir da avaliação da trajetória profissional de ex- bolsistas de iniciação científica, mestrando e doutorado. **Trabalho de Conclusão de Curso**. 2015, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas. Disponível em:<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000958830>> Acesso em: 26 mai.2019.
- FLAVIANO, V. et al. Empreendedorismo rural: olhares em contextos diversos. **Revista Conexão UEPG**, 2019, vol. 15, n. 3, p.300 - 313. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5141/514162319010/514162319010.pdf>. Acesso em: 23 abri. 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010: população do Brasil é de 190.732.694 pessoas**. 2010 Disponível em: <



<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-denoticias/releases/13937-asi-censo-2010-populacao-do-brasil-e-de-190732694-pessoas>. Acesso em: 20 maio.2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário: resultados definitivos**. 2017. Disponível em:

<<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censoagropecuario/censo-agropecuario-2017>>. Acesso em: 15 out. 2019.

MAIA, A. G. O esvaziamento demográfico rural. In: BUAINAIN, Antônio Marcos et al. (Orgs.). **O mundo rural no Brasil do século 21**. Unicamp/Embrapa, 2014. p. 1081-1100.

MATTE, A. et al. Agricultura e Pecuária Familiar:(des) continuidade na reprodução social e na gestão dos negócios. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. 2019, vol.15, n.1, p.19-33.

MATTE, A.; MACHADO, J. A. D. Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no sul do Brasil. **Revista de Estudos Sociais**, 2016, v.18, n. 37, p. 130-151. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/3981>. Acesso em: 24 abr. 2021.

MOREIRA, S. et al. Estratégias paternas para a manutenção da sucessão geracional em propriedades rurais. . **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2020, v.28 n. 2, p. 413 – 433. Disponível em: [https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/issue/view/esa28-2/esa28-2\\_pdf](https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/issue/view/esa28-2/esa28-2_pdf). Acesso em: 24 abr. 2021.

NASSIF, V. J. et al. **A Universidade Forma Empreendedores? Aspectos Convergentes e Divergentes sob a Ótica de Alunos, Professores, Pais e Empreendedores. XXXII Encontro ANPAD** Rio De Janeiro. 2008. Disponível em:

<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/GCTC1293.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

OLIVEIRA, M. F. et al. Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. vol.59 no.2 Brasília, 2021, p. 1-9. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/resr/v59n2/0103-2003-resr-59-2-e222727.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2021.

OLIVEIRA, B. et al. Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa. **Revista Pegada**, vol. 15 n.1 2014, p. 136-150. Disponível em:

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/3032/2626>>. Acesso em: 28 mai. 2019.

REDIN, E. Políticas educacionais e juventude rural no ensino superior. **Educar em Revista**. 2017, n.63, pp.237-252. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602017000100237&script=sci\\_abstract&tlng=p](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602017000100237&script=sci_abstract&tlng=p)t. Acesso em: 23 mar. 2021.

SILVA, J. G. S; GROSSI, M. E. **O Novo Rural brasileiro**. IE/Unicamp, Porto Alegre,1996.

SILVESTRO, M. et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Brasília: Florianópolis: EPAGRI–NEAD, 2001.

SPANVELLO, R. M. et al. A Problemática do Envelhecimento no Meio Rural sob a Ótica dos Agricultores Familiares sem Sucessores. **Desenvolvimento em Questão**, 2017, v. 15, n. 40, p. 348-372.

SPANVELLO, R. M. et al. As estratégias para manter a sucessão em estabelecimentos familiares. In: RENK, A; DORIGON, C. (Orgs.). **Juventude rural, cultura e mudança social**. Chapecó: Argos, p. 163-188. 2014.

SIGNOR, C. O empreendedorismo rural como alternativa ao desenvolvimento: as perspectivas da juventude do agronegócio. **Mestrado em Agronegócios**, 2019, 114p. Universidade Federal de Santa Maria. STROPASOLAS, V, L. Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar. **Revista Agriculturas**, 2011, v. 8, n. 1, p. 26-29.

ZAGO, C. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. **Revista Brasileira de Educação**, 2016, v. 21, n. 64, p. 61-78. Disponível em:



[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782016000100061&script=sci\\_abstract&tlng=p](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782016000100061&script=sci_abstract&tlng=p)  
Acesso em: 24 abr. 2021.